

Exposição à violência : seus efeitos sobre valores e crenças em relação a violência, polícia e direitos humanos

No início de 1995, o jornal *O Estado de São Paulo* publicava mais uma matéria¹ sobre a violência nos morros do Rio de Janeiro. A novidade da matéria estava no trabalho de médicos da ONG « Médicos sem fronteira » que estavam prestando ajuda aos moradores destes morros. Os médicos entrevistados revelavam-se surpresos com o impacto da violência sobre os adultos e sobre as crianças : todos dormiam muito mal com medo dos tiroteios, as crianças tinham pânico das « blitzes » policiais : tinham episódios de diarreias e tremedeiras associados a estes eventos. Estes médicos, acostumados a atuar em áreas de conflitos e de guerras, identificavam estes sintomas como aqueles que caracterizam a síndrome pós traumática. Segundo eles, 90 % dos moradores apresentavam sintomas associados a esta síndrome - « sofriam dos nervos » - o que significava que apresentavam sintomas de stress crônico, fobias, pânico e tremores. Comparando estas condições com as situações de guerra estes médicos avaliavam a situação no Rio como mais grave porque lá a « guerra nunca termina » ou seja, tratava-se de uma « zona de conflito permanente ».

O tema das conseqüências da exposição à violência começara a ser discutido por pesquisadores norte-americanos a partir dos fins dos anos 1980 (Shakoor & Chalmers 1981) ao identificarem que conseqüências psicológicas e fisiológicas adversas estavam associadas não só ao ser vítimas de violência mas também ao se testemunhar a violência. Estes estudos ampliaram a definição do que representava ser exposto a violência para incluir estas situações de testemunhar violência - um tipo de exposição chamada de covitimização. Os efeitos de ser vítima e de testemunhar a violência se apresentavam muito visíveis nas crianças moradoras em áreas urbanas muito violentas, e desde o início houve duas linhas de pesquisa : em que medida esta exposição afetava o desenvolvimento das crianças em particular seu desempenho na escola e em que medida a exposição aumentava a probabilidade destas crianças se tornarem elas mesmas agentes de violência. Apesar da maior preocupação com as crianças de menor idade, pois neste

1. *O Estado de São Paulo*, 10 de fev. de 1995, « Médicos sem Fronteira dão ajuda a favelados » : A-31.

grupo etário os sintomas de síndrome pós traumática são mais visíveis dado o grande número de homicídios de jovens, moradores em áreas urbanas deterioradas dos centros urbanos de cidades norte-americanas, o impacto da exposição destes jovens a esta violência também passou a receber mais atenção. Nos últimos 13 anos, o tema da exposição à violência ganhou maior destaque dentro das pesquisas sobre violência. Os pesquisadores vêm buscando identificar não só os efeitos da exposição à violência, como foram refinando o conceito de exposição, identificando os contextos que favorecem o surgimento dos ambientes « tóxicos » para o desenvolvimento de crianças, jovens e adolescentes, identificando os elementos que protegem e reduzem o dano causado por esta exposição, e as conseqüências da exposição – tanto os sintomas que emergem, como os mecanismos de defesa que os indivíduos desenvolvem para lidar com o impacto desta exposição e quais conseqüências para a prevenção da violência.

A literatura mostra que a violência que tem mais impacto é aquela que ocorre mais próximo das pessoas, com elas mesmas ou com parentes e amigos. A exposição à violência é definida como a experiência direta com a violência – ser vítima de algum ato violento – e a experiência indireta – testemunhar atos de violência, ou ainda casos que envolvem parentes ou amigos próximos e sobre os quais ouvem falar. Existem assim formas de vitimização direta e indireta, ambas produzindo efeitos negativos sobre as pessoas. Estar mais ou menos exposto a violência não é um evento neutro na vida das pessoas mas descreve não só diferenças de padrão de qualidade de vida mas também de novos riscos de vitimização (vitimização múltipla - Chang *et al.* 2003 ; Hope *et al.* 2001). Novamente a literatura tem demonstrado que o risco de vitimização não está distribuído de igual modo dentro da cidade mas que certas áreas são mais afetadas e dentro dessas áreas algumas pessoas são mais vitimadas. Busca-se assim identificar o que leva alguns grupos a serem repetidas vezes vítimas da violência.

A exposição à violência tem sido medida de diferentes modos. Em geral trata-se de apresentar uma lista de situações de violência envolvendo diferentes graus de gravidade e de perguntar à pessoa se em determinado período de tempo (em geral 12 meses ou seis meses) ela foi vítima ou assistiu a algumas daquelas situações². As primeiras pesquisas buscavam identificar os efeitos da exposição à violência dentro da comunidade, no bairro, porém aos poucos foi ficando evidente que a exposição à violência não se restringia ao bairro mas incluía a escola e a família. Foi considerado que, apesar de a família ser considerada a maior fonte de proteção contra os efeitos deletérios da exposição, poderia ser ela mesma fonte de agravamento do problema. Traçar comparações entre as primeiras pesquisas e os estudos atuais é tarefa difícil devido as diferenças na forma de medir a exposição³. Selner-O'Hagan *et al.* (1998) propuseram uma metodologia de desenvolvimento de uma escala de exposição, onde se considera não só a freqüência da exposição mas também a gravidade do tipo de exposição, bem como o local de ocorrência (dentro da própria casa, na comunidade ou na escola) e

2. Estas listas, de um modo geral, cobrem as seguintes situações : agressão física com ou sem arma, assaltos à mão armada, furtos, tiroteios, alguém ser assassinado, alguém que foi assassinado, tentativa de estupro, suicídio, agressão verbal, consumo de drogas em público, comércio de drogas em público, violência policial.
3. Os problemas na definição de procedimentos padronizados para se medir exposição resultaram em alguns pesquisadores não distinguindo a exposição à violência na vida real da exposição à violência nos meios de comunicação, ou tratando ambas como equivalentes.

onde se separa a exposição ao longo da vida da exposição mais recente (no último ano).

Quais os principais efeitos que têm sido atribuídos à exposição a violência? Os efeitos variam de acordo com a faixa etária, e com o local onde se dá a exposição. Os efeitos mais intensos são observados entre as crianças e jovens expostos a violência mais grave na família e no bairro. A presença de violência dentro da família irá agravar em muito os efeitos da violência no bairro. Na pesquisa que apresentamos a seguir nos restringimos a estudar o impacto da exposição sobre os jovens e sobre adultos. Há pouco trabalho abordando os adultos, em parte por que este grupo etário está em geral menos exposto a violência. Tratamos então de nos limitar a apresentar os resultados das pesquisas internacionais que se referem aos efeitos da exposição a violência sobre os jovens. Esta exposição provoca sintomas físicos em jovens como distúrbios do sono, ansiedade, depressão, falta de concentração que podem ou não afetar o desempenho acadêmico, constituindo o que Warner & Weist (1996) denominam de « fadiga do sobrevivente ». A exposição à violência também provoca muita frustração e preocupação com o bem estar pessoal e da família, e até mesmo fobias (Shakoor & Chalmers 1991 ; Schubiner 1993 ; Berman *et al.*, 1996). Estas conseqüências físicas e mentais podem alimentar diferentes processos de dessensibilização e de ampliação dos comportamentos de risco, de fuga ou de adaptação a situação (Ng-Mak 2001 ; Ng-Mak *et al.* 2002 ; Orpinas *et al.* 1995 ; Dempsey, 2002).

Um processo de dessensibilização tem impacto sobre as vítimas da violência e representaria, segundo alguns autores (Ng-Mak *et al.* 2002) uma forma de adaptação patológica à exposição : dessensibilizar-se significa se desligar da dor das vítimas, um processo no qual a violência que as vítimas sofrem passa a ser considerada « normal ». A dessensibilização implica em subestimarem as conseqüências da violência para suas vítimas culparem as vítimas pelo que lhes ocorre, processo também denominado de exclusão moral – uma espécie de anestesia moral ou de desligamento baseado na crença em um « mundo justo » – coisas ruins acontecem às pessoas que fizeram algo ruim. Jovens expostos à violência crônica estariam mais passíveis de desenvolverem este tipo de estratégia de sobrevivência, e mais propensos a terem seu próprio desenvolvimento moral afetado por esta exposição : normalizar a violência resulta também em reduzida capacidade de confiar no outro, ou de se vincular ao outro (Kliewer *et al.* 2001) e menor interdição quanto a prática de violência (Hallyday-Boykins & Graham, 2001).

Correr mais riscos, outro tipo de efeito da exposição à violência, parece decorrer da falta de percepção por parte destes jovens de que, apesar de estarem envolvidos em situações muito negativas, eles individualmente, a longo prazo, dispõem de saídas positivas : podem ser otimistas, podem aspirar a realização de algo socialmente aceitável (Berman *et al.* 1996). Se sentem que nada mais há a perder, esta forte exposição pode encorajá-los a adotar comportamentos de risco como : consumo de drogas e álcool, uso de armas, ou envolvimento em disputas físicas, quase como que negando os riscos intrínsecos a estes comportamentos (Orpinas *et al.* 1995).

Esta negação dos riscos pode aumentar o envolvimento de jovens com outras situações de violência, justamente por sentirem que não têm nada a perder. Dempsey (2002), examinando as diferentes estratégias de sobrevivência adotadas por jovens expostos à violência, verificou que existem

duas destas estratégias, de internalização (somatização dos efeitos da exposição) ou de externalização (aumento da agressividade). Com frequência os jovens se utilizam das duas formas mais nenhuma delas é eficaz 100 % do tempo, ou seja os jovens têm pouca chance de encontrarem proteção efetiva contra os efeitos da exposição, por seus próprios meios.

Um dos efeitos da exposição à violência sobre o qual a maioria dos autores apresenta consenso (Kliewer *et al.* 2001 ; Hallyday-Boykins & Graham 2001 ; Osofsky 1995 ; Salzinger *et al.* 2000 ; Ng-Mak *et al.*, 2002) é que esta afeta o desenvolvimento moral de crianças e jovens. Afeta as crenças, os valores e as expectativas em relação ao comportamento dos outros. Um dos resultados muito adversos deste efeito é o de encorajar os jovens a desenvolverem um « estilo cognitivo violento », alimentando a agressividade e dando legitimidade a ela, o que aumentaria a vulnerabilidade deles, expondo-os a mais riscos. É este efeito potencial que faz com que vários pesquisadores apontem a exposição a violência como uma fonte de « socialização negativa » da violência. Apesar deste ser um efeito de extrema relevância a maior parte dos estudos identificados não explora este impacto potencial da exposição à violência sobre crenças e valores em relação a violência : suas causas, seus usos, e seus dissuasores. É esta lacuna que buscamos preencher neste artigo : tratamos de examinar para o caso da cidade de São Paulo se e como a exposição a violência afeta o modo das pessoas pensarem sobre as causas da violência, os usos legítimos que atribuem à violência, e seus dissuasores.

Um breve panorama da violência na região metropolitana de São Paulo

O homicídio, a forma de crime violento que mais visibilidade tem, vinha crescendo desde os fins dos anos 1970 em toda a região metropolitana de São Paulo (RMSP), porém este crescimento se acirrou ao longo dos anos 1990. Entre 1992 e 2002 ocorreram ao menos 82.235 homicídios na região metropolitana de São Paulo assim como mais de meio milhão de lesões corporais graves, mais de um milhão de roubos à mão armada e cerca de 22 mil casos de estupros registrados pela polícia.

As taxas de homicídios tiveram forte crescimento durante o período : as taxas triplicaram de 14,62 por 100 000 habitantes em 1981 para 43,39 por 100 000 em 2002, tendo atingido em 1999 cerca de 51,93 homicídios por 100 000 habitantes. As tabelas I a III resumem o crescimento dos delitos violentos no período 1992-2002

Tab. I. — UM RESUMO DO CRIME VIOLENTO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

RMSP	1992-2002
Homicídio	82 235
Lesão corporal grave	586 977
Latrocínio	4 214
Estupro	21 751
Tráfico de drogas	22 117
Roubo à mão armada	1 354 932

Fonte : Secretaria de Segurança pública do Estado de São Paulo.

TAB. II. — TAXA DE CRIMES VIOLENTOS (POR 100 000 RESIDENTES)
REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO : 1981-2002

	<i>Homicídio</i>	<i>Latrocínio</i>	<i>Estupro</i>
1981	14,62	2,79	13,56
1982	13,93	2,33	14,17
1983	21,32	2,46	12,50
1984	26,25	2,99	11,04
1985	27,27	1,86	11,34
1986	29,21	1,89	14,39
1987	31,13	1,61	12,70
1988	30,16	1,87	12,44
1989	37,06	2,56	12,20
1990	37,22	2,92	12,22
1991	36,50	3,07	13,16
1992	30,20	2,76	11,68
1993	33,92	2,08	11,90
1994	41,24	2,08	12,66
1995	45,20	1,95	12,27
1996	46,13	2,3	10,39
1997	44,61	1,81	10,84
1998	47,68	2,21	11,51
1999	51,93	3,00	11,54
2000	49,73	2,69	11,70
2001	47,80	2,35	11,34
2002	43,39	1,60	11,80

Fontes : Secretaria de Segurança pública do Estado de São Paulo ; Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados do Estado de São Paulo (Seade).

Tab. III. — OUTRAS TAXAS DE CRIMES VIOLENTOS (POR 100 000 RESIDENTES)
REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO : 1981-2002

	<i>Lesão corporal grave</i>	<i>Tráfico de drogas</i>	<i>Roubo à mão armada</i>
1981	321,72	18,85	269,05
1982	327,68	23,96	233,00
1983	350,44	25,90	390,63
1984	342,46	26,90	584,29
1985	334,72	30,50	513,45
1986	368,86	24,29	451,83
1987	324,34	19,41	436,66
1988	336,48	25,27	468,13
1989	361,53	23,54	461,54
1990	326,45	22,74	545,50
1991	304,10	24,38	562,63

.../..

.../..

1992	307,25	28,31	552,93
1993	320,68	26,91	594,47
1994	313,23	*	640,58
1995	292,85	*	634,26
1996	364,09	16,68	523,96
1997	293,49	15,18	651,19
1998	320,15	15,18	803,78
1999	321,11	14,69	905,99
2000	312,75	12,10	852,50
2001	298,57	13,75	857,10
2002	313,28	22,53	879,79

* Dados não disponíveis.

Fontes : *ibid.*

A desigualdade da distribuição da violência

Os dados apresentados mostram acima que o crescimento do crime violento, ampliou a vitimização direta e indireta da população. Mais e mais pessoas neste período têm sido vítimas, têm testemunhado casos de violência ou têm acompanhado casos que ocorreram com parentes, amigos próximos ou com seus vizinhos. Sabe-se também que a distribuição do crime violento não é homogênea mas afeta diferentemente diferentes regiões da cidade. Antes de apresentarmos os dados sobre o impacto da exposição à violência é conveniente traçar um panorama do Município em termos de algumas das características que ajudam a entender a desigualdade na exposição a violência.

Dentre os 96 distritos censitários que compõem o município de São Paulo, 24 deles, representando 34,8 % da população, apresentam taxas de homicídios superiores à média da cidade que, para o ano de 1999, foi de 66,89 homicídios por 100 mil habitantes.

Estes 24 distritos, onde ocorrem as mais altas taxas de homicídios, se diferenciam dos demais :

- Por apresentarem um perfil demográfico distinto dos demais distritos.

•Ao longo da década dos anos 1990 apresentaram taxas de crescimento populacional muito superiores à média da cidade. Enquanto, em média, a cidade crescia 0,88 % ao ano, nestes distritos o crescimento populacional chegou a ser até 9 vezes maior (Cidade Tiradentes - 7,89 % ao ano)⁴ que a média da cidade ;

•Em consequência apresentaram as mais altas concentrações de população jovem :

- 41,5 % das crianças entre 0 e 4 anos da cidade estão nestes distritos,
- 40,6 % das crianças entre 5 e 9 anos da cidade,

4. As exceções a esta tendência são representadas por distritos mais consolidados como Morumbi, Sé, Brás, Jaçanã e Cidade Ademar que apresentam altas taxas de homicídios, mas que apresentam também outras especificidades : no Morumbi a violência se concentra em partes do distritos com características bem marcadas ; na Sé a taxa de homicídios é inflada pelo baixo número de residentes no distrito ; os outros três distritos citados devem sofrer uma análise mais refinada a partir dos setores censitários neles contidos.

- 38,9 % dos jovens entre 10 e 14 anos,
- 37,7 % dos adolescentes entre 15 e 19 anos de idade.

Isto significa que não só há um grande contingente de jovens passíveis de risco de violência hoje, como estes distritos continuarão a apresentar mais jovens em situação de risco no futuro próximo.

- Por concentrarem a maior parte da população com menor renda da cidade e aquela que aparentemente mais perdas econômicas sofreu ao longo dos anos 1990.

- Houve um grande aumento de chefes de família sem renda, entre 1991 e 2000, em todo o município de São Paulo : em 1991 o total de chefes nestas condições era de 4,8 %. Já em 2000 este percentual mais que dobrou - 10,4 % dos chefes de família declararam-se sem renda,

- 49,1 % dos chefes de família sem renda da cidade moram nestes 24 distritos,

- 45,6 % dos chefes de família com renda abaixo de três salários mínimos ou sem renda, da cidade, moram nestes distritos,

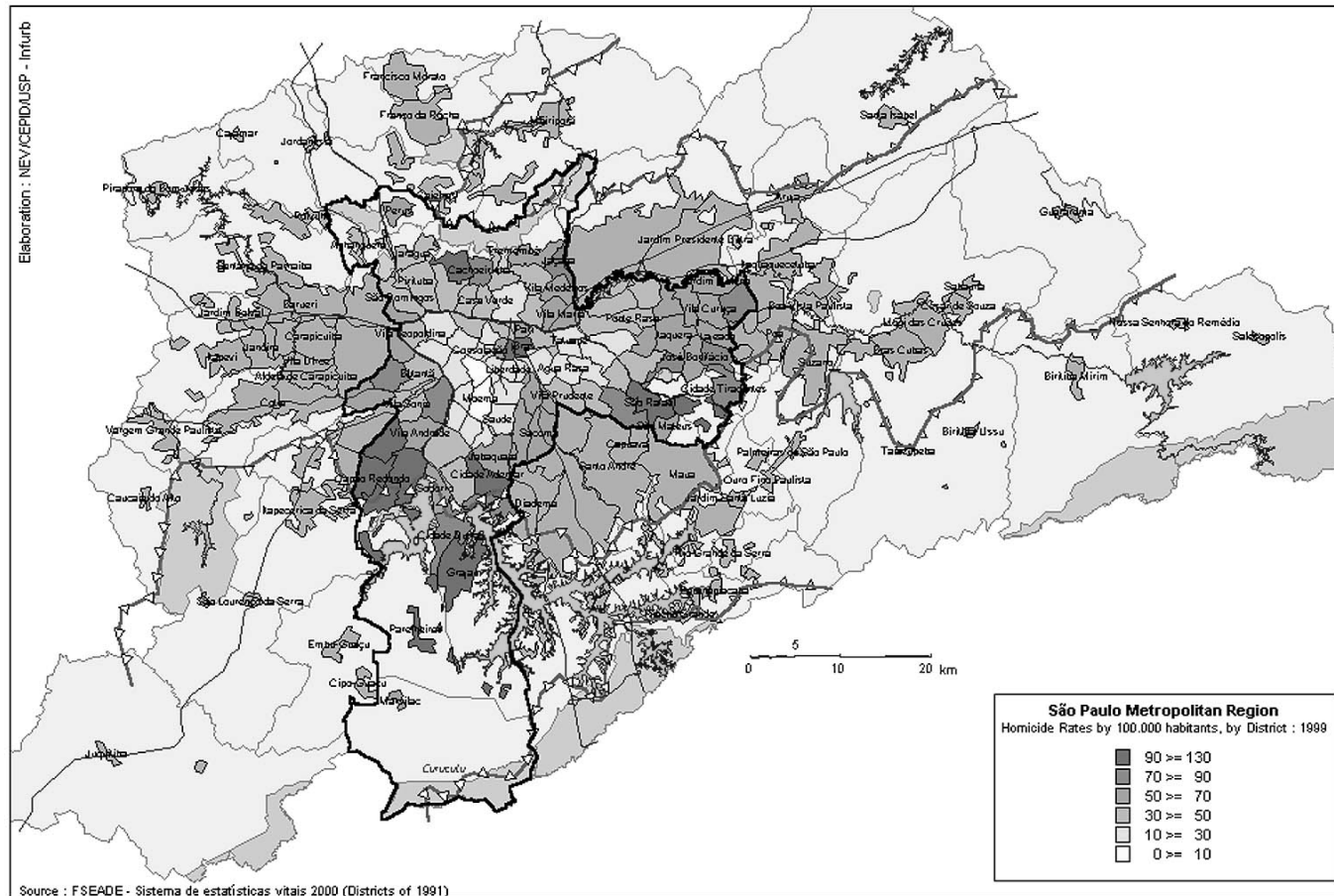
- Se excluirmos aqueles distritos como Morumbi, Sé e Brás, que apresentam processos muito específicos, a concentração de chefes de família com baixa renda ou sem renda dentro dos distritos, varia de um mínimo de 43 % com muito baixa renda (Jaçanã) até 64,1 % dos chefes nestas condições - caso do distrito de Parelheiros no extremo Sul da cidade.

- Por concentrarem chefes de famílias com mais baixa escolaridade.

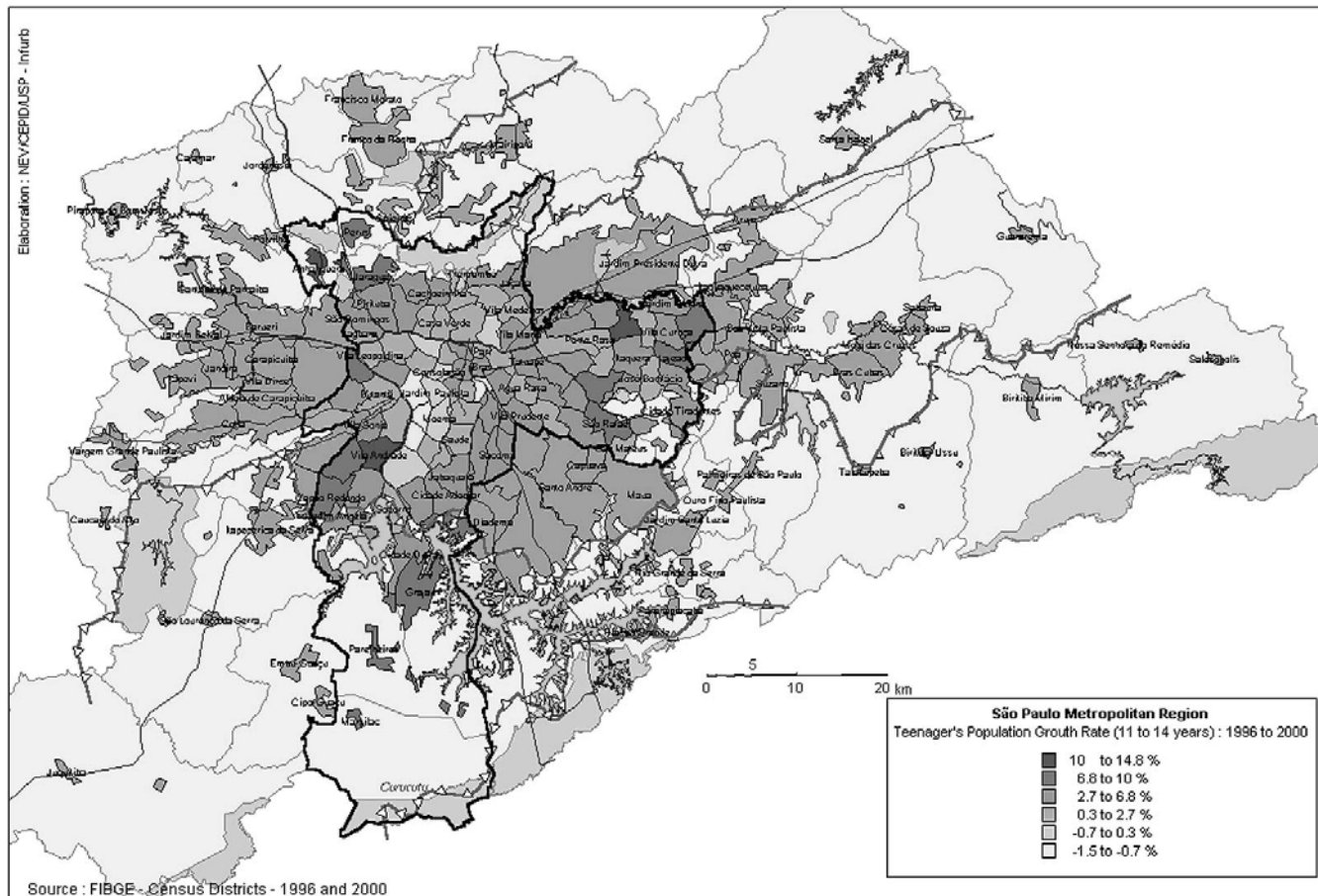
- Enquanto na média da cidade a escolaridade dos chefes de família, ao longo dos anos 1990 apresentou uma melhora com a redução do número de chefes com baixa escolaridade (menos de quatro anos de escolaridade) e o aumento do número de chefes de família com mais escolaridade (com 15 anos ou mais), nos 24 distritos ocorreu, com frequência, o fenômeno oposto, ou seja um aumento dos chefes de família com baixa escolaridade,

- Em 1991 São Paulo apresentava pouco mais de 1/5 (22 %) dos chefes de família com baixa escolaridade e 13,1 % dos chefes com mais de 15 anos de estudos. Em 2000 os chefes com baixa escolaridade representavam 17,8 % dos chefes e os com alta escolaridade 14,1 %. Os 24 distritos abrigavam, em 1991 35,9 % dos chefes com baixa escolaridade da cidade e, em 2000, este percentual atingiu 43,1 % dos chefes. Uma das possíveis explicações para este aumento, em um período em que a escolaridade da população como um todo melhorou, é que entre as novas unidades familiares que se constituíram ao longo dos anos 1990, aumentou a presença de chefes com menor escolaridade. É possível que, assim como tem aumentado nas comunidades mais carentes a gravidez precoce, estes novos chefes serem mais jovens além de terem menor escolaridade. Ou seja, podemos estar observando o crescimento de unidades familiares em condições de carência maior, do que aquelas que as antecederam, assim como o aumento da desigualdade dentro destes distritos mais desprovidos.

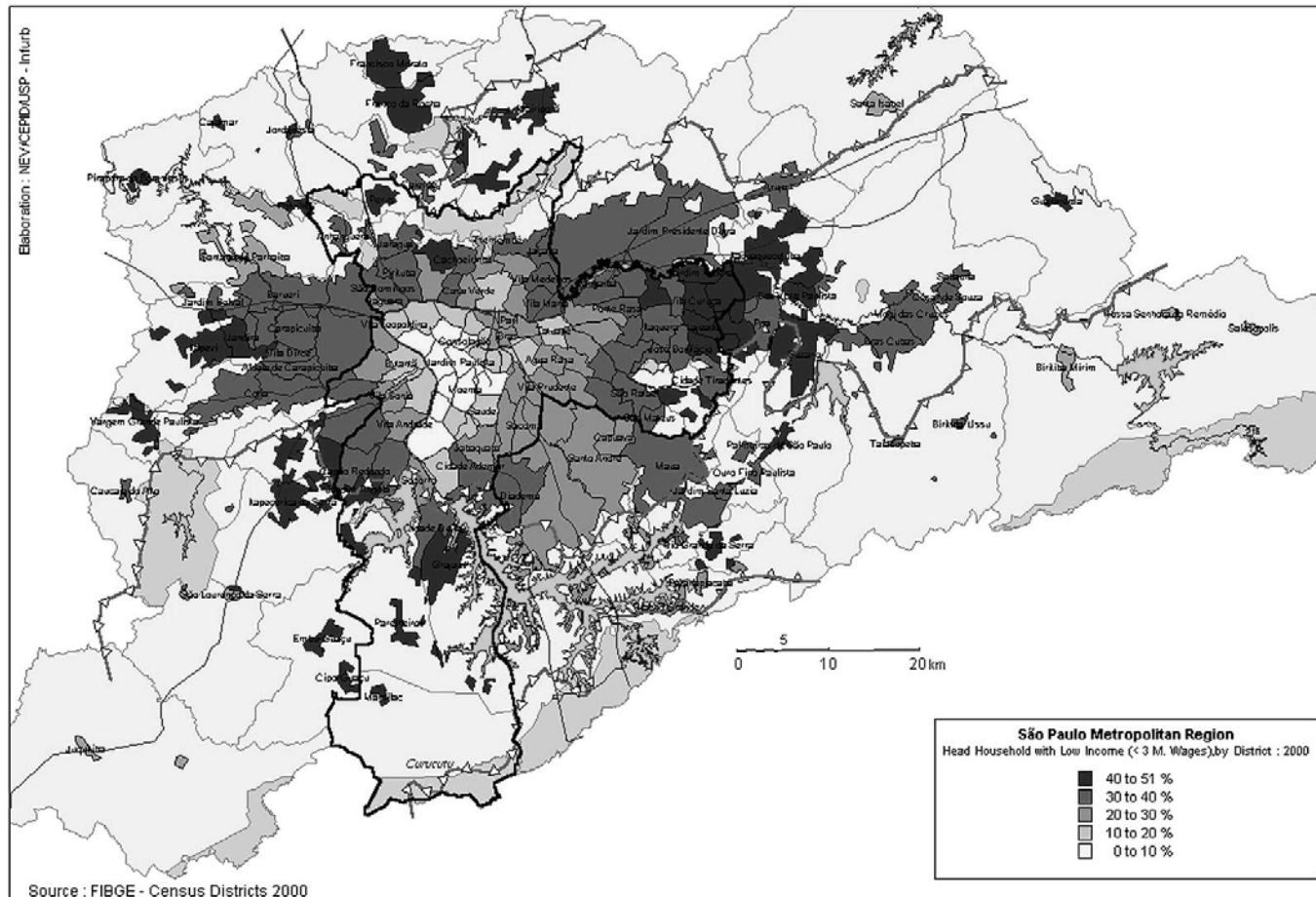
Os dados que dispomos indicam que estes distritos não só apresentam maiores índices de violência mas também um maior percentual de população vulnerável vivendo em condições ainda mais desfavoráveis para que elementos de proteção contra os efeitos negativos desta exposição a violência surjam a partir de ações da própria comunidade. Qual é o impacto da exposição a esta violência, que ao longo das últimas duas décadas tornou-se crônica, sobre os valores e as crenças em relação ao uso da



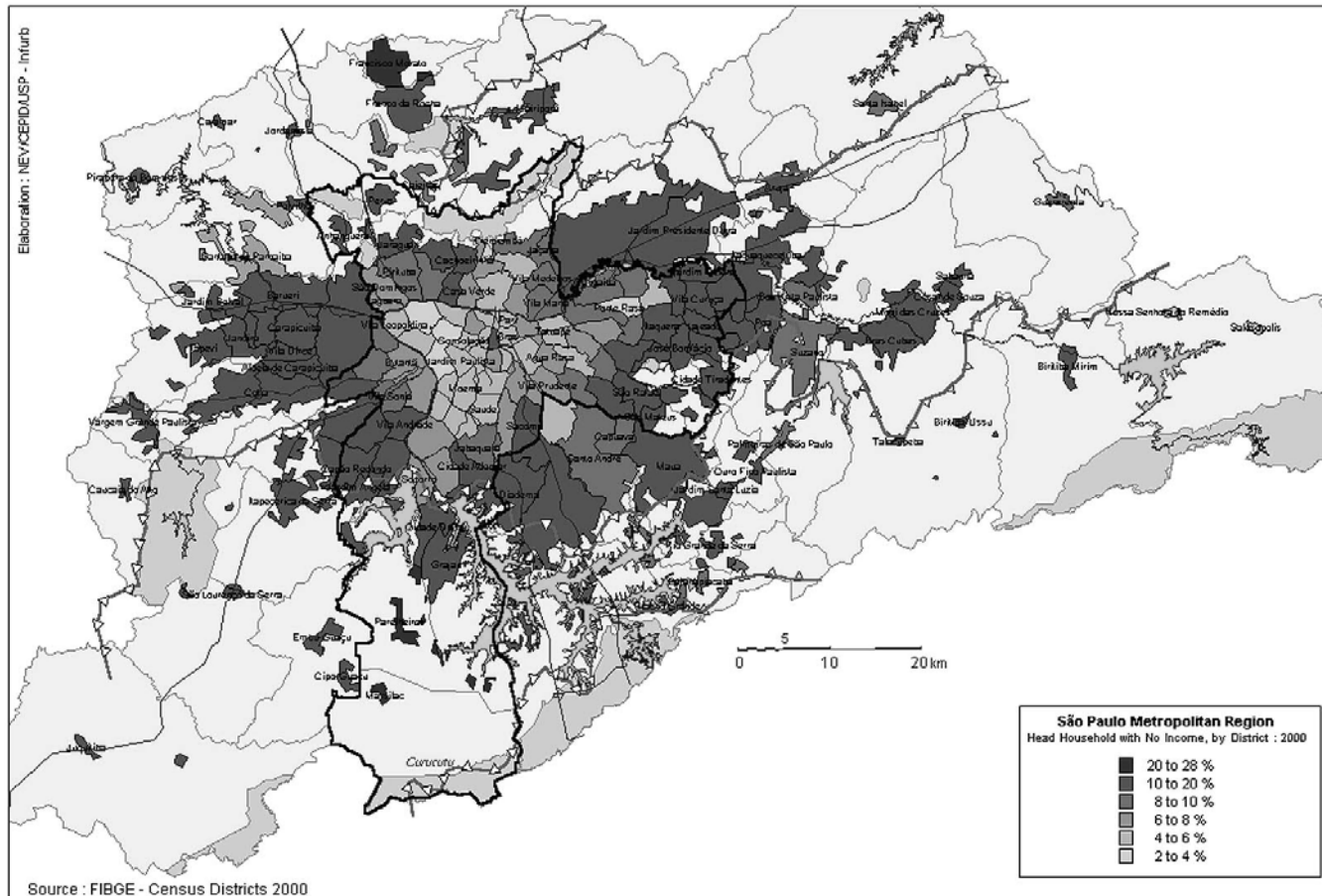
Mapa 1. Distribuição dos homicídios por 100 000 habitantes, dados de 1999.



Mapa 2. Distribuição de jovens de 11-14 anos.



Mapa 3. Distribuição de chefes com baixa renda.



Mapa 4. Distribuição de chefes com renda nula.

violência, em relação ao papel das polícias e em relação aos direitos humanos? É este tema que abordamos em uma pesquisa realizada no município de São Paulo, que representa a maioria da população da região metropolitana⁵. Este tema do impacto da exposição à violência sobre os valores e as crenças é um dos menos explorados pela literatura. A pesquisa que relatamos buscou identificar os efeitos não só sobre jovens (16 aos 24 anos) mas também entre adultos.

Esta pesquisa consiste de um levantamento quantitativo que examinou a experiência com a violência urbana de duas amostras de entrevistados, 700 na cidade de São Paulo e 341 em três dos mais violentos distritos de São Paulo, situados na Zona Sul - Jardim Angela, Jardim São Luís e Capão Redondo. Este levantamento demonstrou que, no período entre novembro de 2000 e outubro de 2001, na cidade de São Paulo, apenas 119 pessoas (17 %), entre as 700 entrevistadas, não haviam sido vítimas diretas ou indiretas de algum tipo de violência. Nos bairros da Zona Sul este percentual caía para 12 % (41 pessoas entre 341 entrevistados)⁶. A partir da combinação das respostas dos entrevistados a três questões, construiu-se um índice de exposição a violência. Estas perguntas abordavam a experiência direta com a violência (vitimização) e indireta sobre duas formas: testemunhou e ouviu falar que aconteceu com parentes e amigos. Para construir a escala de exposição foram considerados o tipo de violência, a gravidade dela, a frequência e a proximidade - direta ou indireta. O índice de exposição tem seis categorias:

- 1.- « exposição leve » : condição que incorpora aqueles que não foram vítimas direta ou indireta de qualquer tipo de violência (leve ou grave)⁷,
- 2.- « exposição moderada » : quando as pessoas só ouviram contar casos (não graves) que ocorreram com parentes ou amigos,
- 3.- « exposição séria » : quando a pessoa sofreu violência leve (sem ameaça a integridade física), e testemunhou violência mais grave,
- 4.- « exposição grave » : quando a pessoa foi vítima de crime violento e ouviu falar de casos que ocorreram com amigos ou parentes, mas não testemunhou casos envolvendo outros,
- 5.- « exposição muito grave » : quando a pessoa foi vítima de crime violento, assistiu a eventos violentos e ouviu falar sobre casos ocorridos com amigos e parentes,
- 6.- « exposição muito, muito grave » : reunindo aqueles que foram vítimas de crime violento mais de uma vez, assistiram e ouviram falar de casos envolvendo amigos e parentes.

5. A região está composta por 39 municípios e totalizava em 2000 cerca de 17 807 926 moradores, dos quais 10.398.576 da cidade de São Paulo.

6. Em média cada pessoa foi vítima de 1,03 ocorrências violentas na cidade, enquanto na Zona Sul este número sobe para 1,28 ocorrências. Foram relatados ainda, 1793 casos de vitimização indireta - assistir a violência - na cidade, e 955 na Zona Sul da cidade, o que significa 2,56 ocorrências por pessoa em média, número este que na Zona Sul sobe para 2,8 ocorrências testemunhadas. Além disto 650 casos foram relatados como tendo ocorrido com amigos ou parentes na cidade e 320 na Zona Sul.

7. Optamos por esta denominação, ao invés de « nenhuma exposição » porque em cidades como São Paulo, ainda que a pessoa não tenha sido vítima direta ou indireta, não se pode falar em nenhuma exposição à violência quando a violência está presente constantemente na mídia, nas conversas informais, ou seja, estas pessoas não estão completamente isoladas ou protegidas dos efeitos das altas taxas de crimes violentos.

Tab. IV - EXPOSIÇÃO A VIOLÊNCIA : SÃO PAULO

	São Paulo	Zona Sul
	N : 700	N : 341
	%	%
Exposição leve	17	12
Moderada	10	11
Séria	15	18
Grave	24	22
Muito grave	22	21
Muito, muito grave	12	17
<i>Total</i>	100	101

Fonte : Survey NEV-Cepid/Fapesp, 2001.

Survey realizado a cada dois anos pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo: NEV-USP; núcleo financiado pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, dentro do Programa Centro de Pesquisas Inovação e Difusão (CEPID)

Para fins de tornar as tabelas mais legíveis estamos apresentando apenas os dados relativos aos totais, e aos dois grupos mais extremos : aqueles que tiveram uma exposição leve e aqueles que tiveram a mais forte exposição a violência mais grave.

Quem está mais exposto a violência

Quem está mais exposto a violência mais grave ? Como observado nos estudos estrangeiros (Seiner-O'Hagan *et al.* 1998 ; Buka *et al.* 2001), em todas as cidades são os jovens entre 16 e 24 anos, do sexo masculino, com mais escolaridade (segundo ciclo completo e ou terceiro grau), e aqueles que trabalham por conta própria ou são empregados mas sem carteira assinada que estão mais expostos à violência mais grave.

Tab. V. — PERFIL DA EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA

	São Paulo				Zona Sul			
	%	Exposição leve	Muito, muito grave	*	%	Exposição leve	Muito, muito grave	*
Sexo								
Masculino	47,40	42,50	59,50	*	47,90	41,50	52,60	
Feminino	52,60	57,50	40,50	*	52,10	58,50	47,40	
<i>Total</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>		<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	
Idade (categorias)								
16 a 17	5,30	2,50	13,30	*	6,50		12,10	*
18 a 20	9,00	4,20	16,90	*	9,40	4,90	24,10	*
21 a 24	9,90	5,00	13,30	*	11,70	4,90	15,50	*
25 a 29	12,80	14,30	15,70	*	15,50	17,10	19,00	*
30 a 39	23,20	27,70	20,50	*	25,50	26,80	17,20	*
40 a 49	17,20	18,50	10,80	*	16,40	24,40	6,90	*
50 e mais	22,50	27,70	9,60	*	15,00	22,00	5,20	*
<i>Total</i>	<i>100,00</i>	<i>100,0</i>	<i>100,00</i>	*	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	*
Estudante								
Sim	14,00	4,20	23,80	*	13,50	2,40	21,10	
Não	86,00	95,80	76,20	*	86,50	97,60	78,90	
<i>Total</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>		<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	
Escolaridade								
Analfabeto	2,20	3,40		*	4,10	9,80	1,70	*
Lê/escreve	0,90	1,70	2,40	*	0,90			
Primário incompleto	11,20	16,00	4,80	*	13,50	24,40	6,90	*
Primário completo	20,10	29,40	16,90	*	25,50	24,40	17,20	*
Ginásio incompleto	12,10	11,80	15,70	*	16,40	14,60	22,40	*
Ginásio completo	14,80	15,10	14,50	*	15,20	14,60	12,10	*
Colégio incompleto	6,60	5,00	16,90	*	7,60	4,90	12,10	*
Colégio completo	17,40	8,40	13,30	*	10,30	4,90	20,70	
Superior incompleto	7,10	5,00	10,80	*	5,00	2,40	5,20	*
Superior completo	7,60	4,20	4,80	*	1,50		1,70	
<i>Total</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	*	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	

.../..

.../..

							Raça
Branco	65,90	68,10	55,30	56,60	63,40	50,00	
Negro	8,70	4,20	15,30	11,20	7,30	13,80	
Mulato/Moreno/ Pardo	25,40	27,70	29,40	32,20	29,30	36,20	
<i>Total</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	
							Renda Familiar (em salários mínimos)
Mais de 20	4,50	2,00	1,40	0,60			
Mais de 10 a 20	10,90	11,10	7,00	5,30	2,70	7,00	
Mais de 5 a 10	25,40	19,20	21,10	12,40	18,90	14,00	
Mais de 2 a 5	39,10	42,40	43,70	51,90	43,20	40,40	
Mais de 1 a 2	15,30	21,20	19,70	24,50	29,70	31,60	
Até 1	4,80	4,00	7,00	5,30	5,40	7,00	
<i>Total</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	<i>100,00</i>	

* Indica que as diferenças são estatisticamente significantes, utilizando-se o quiquadrado de Pearson.

Fonte : Survey NEV-CEPID/FAPESP, 2001.

Dois são os grupos mais expostos a violência : os mais pobres e os grupos de renda intermediária. Os negros e os pardos estão super-representados nesta exposição, sendo mais vítimas da violência mais grave. Chama atenção nos bairros da Zona Sul que uma pequena parte do grupo mais vitimado, ser composto por jovens que tem mais acesso a eletrodomésticos em geral e em particular a computadores, e até mesmo a internet. Este grupo não é o único afetado pela violência de modo mais intenso mas se destaca por estar mais próximo de representar a « elite local ».

A exposição a violência e a imagem da polícia

A maior exposição a violência afeta a imagem da polícia. Quando se pede aos entrevistados que avaliem o atendimento que recebem da polícia, os resultados mostram que há várias imagens da polícia dependendo do grau de exposição a violência. Estas imagens chegam a ser radicalmente opostas. Para quem tem pouca exposição, a polícia é ágil no atendimento aos chamados da população, consegue manter as ruas do bairro tranquilas, dá assistência às vítimas, e é educada no trato com as pessoas. Aqueles que são mais expostos a violência têm a imagem reversa : a polícia nunca é educada ao abordar a população, não consegue manter as ruas tranquilas, e pior é percebida como, ou tendo medo dos traficantes, ou sendo subornada por eles, protegendo o tráfico ou ainda usando força excessiva quando aborda jovens. Esta imagem é pior entre os grupos mais expostos a violência nos bairros da Zona Sul.

Esta experiência de exposição à violência, combinada com esta imagem da polícia, alimentam a sensação de que a polícia não garante a segurança das pessoas e que as leis não protegem os cidadãos. Esta sensação é maior entre aqueles que mais foram vítimas de violência, mas também subsiste entre os que tiveram pouca exposição. Esta sensação de ineficácia das leis e da polícia parece alimentar a sensação de impotência frente a polícia : poucos acham que conseguiriam convencer um delegado a investigar um caso no qual tenham sido vítimas. Esta baixa crença na capacidade de influírem nas ações da polícia e a baixa proteção que sentem advindo das leis não se transformam em um cinismo frente as leis : apesar de não se sentirem protegidos pelas leis, não defendem a desobediência às mesmas, ainda que estas leis não sejam consideradas certas ou justas. Mesmo entre aqueles mais expostos à violência, a submissão às leis é defendida ainda que em menor grau. Em bairros mais violentos, como os da Zona Sul, a descrença na capacidade dos cidadãos de influírem sobre as ações dos policiais é maior mesmo entre aqueles menos expostos à violência.

Tab. VI. — IMAGEM DA POLÍCIA

Agora vamos conversar um pouco sobre a polícia no seu bairro. Vou citar uma série de situações e gostaria que o(a) sr(a) respondesse, pensando na polícia de seu bairro, se cada situação acontece sempre ou nunca :

	São Paulo			Zona Sul		
	Total	Exposição leve	Muito, muito grave	Total	Exposição leve	Muito, muito grave
<i>Porcentagens das respostas</i>						
	<i>R = 700</i>			<i>R = 341</i>		
<i>Sempre</i>						
A polícia atende prontamente aos chamados da comunidade	49,30	59,30	31,30 *	47,80	61,50	29,80 *
A polícia dá assistência às vítimas (ou familiares) de crime	43,40	48,20	32,90	42,50	58,30	21,80 *
Os policiais tem medo dos traficantes de drogas	40,20	34,00	45,50	40,70	34,50	52,80 *
A polícia usa de força excessiva quando revista jovens nas ruas	28,90	25,30	35,10 *	34,10	17,10	43,10 *
Policiais protegem o tráfico de drogas	28,00	18,20	26,60 *	25,40	16,70	44,40 *
A polícia conseguiu manter as ruas do bairro tranquilas	27,30	55,60	13,30 *	21,90	32,50	17,20 *
A polícia é educada quando aborda pessoas nas ruas	26,60	41,60	14,80 *	23,20	32,40	10,30 *
Os policiais do bairro aceitam suborno	25,70	19,00	36,10 *	30,80	14,80	48,90 *
<i>Nunca</i>						
Os policiais do bairro aceitam suborno	40,40	55,20	23,00 *	33,50	37,00	23,40 *
Policiais protegem o tráfico de drogas	36,50	60,00	26,60 *	35,40	54,20	20,00 *
A polícia usa de força excessiva quando revista jovens nas ruas	29,10	53,00	13,00 *	25,10	45,70	13,80 *
Os policiais tem medo dos traficantes de drogas	29,00	47,20	16,70	24,50	37,90	13,20 *
A polícia é educada quando aborda pessoas nas ruas	24,90	13,50	40,70 *	27,00	17,60	36,20 *
A polícia conseguiu manter as ruas do bairro tranquilas	24,50	11,10	32,50 *	26,40	15,00	43,10 *
A polícia dá assistências às vítimas (ou familiares) de crime	13,80	13,30	19,00	13,00	11,10	23,60 *
A polícia atende prontamente aos chamados da comunidade	9,40	9,40	13,30 *	5,20	5,10	12,30 *

*Ibid.

Fontes : *idem*.

Tab. VII. — CRENÇA NAS LEIS E NA SUA EFICÁCIA EM RELAÇÃO À POLÍCIA

	São Paulo			Zona Sul		
	Total	Exposição leve	Muito, muito grave	Total	Exposição leve	Muito, muito grave
1 - CONCORDA TOTALMENTE						
É difícil você sentir que as leis o(a) protegem	64,40	61,50	72,30	63,20	57,50	77,20
As pessoas devem obedecer às leis mesmo quando elas acham que as leis não estão certas	54,80	63,40	51,80	48,80	61,00	52,60
4 - DISCORDA TOTALMENTE						
A polícia garante a segurança de pessoas como o(a) sr(a)	42,20	32,40	56,60 *	40,70	32,50	56,10 *
O(a) sr(a) conseguiria convencer um delegado a investigar um caso no qual tenha sido vítima	39,60	36,50	38,30	45,10	41,70	45,30 *

* Ibid.

Fontes : *idem*.

Impacto da exposição à violência sobre medo

Se as leis e a polícia são percebidas como falhando em dar a sensação de proteção, o que fazer para reduzir o medo ? A exposição à violência provoca muito medo. Quanto maior é a exposição à violência, e quanto mais grave é a violência a qual estão expostos, maior é o impacto. O medo se generaliza e passa a afetar como as pessoas usam a cidade. Isto inclui as ruas do bairro onde vivem, quer seja dia ou noite. Ter medo de caminhar por ruas do próprio bairro é um sinal de alerta quanto a intensidade do medo. Entre pessoas que estão mais expostas a violência, mais de 1/3 na cidade e 46,6 % na Zona Sul têm medo de caminhar por ruas do bairro, ainda que seja durante o dia. Quanto a caminhar a sós pelas ruas do bairro à noite, também não sentem segurança quase a metade dos mais expostos a violência na cidade e mais da metade na Zona Sul. Somados aos que mencionam (espontaneamente) que não saem à noite, por medo, temos entre 54,7 % e 65,5 % dos mais expostos nas duas condições que não se sentem a vontade para circular pelas ruas de seu bairro à noite⁸. Esta limitação do uso do espaço público afeta a comunidade de vários modos, por exemplo encoraja as pessoas a levantarem barreiras físicas, a guisa de proteção, que em conjunto com o uso limitado do espaço público reduzem as possibilidades de contato entre os vizinhos, as oportunidades para trocas de informação e estimulam a fragmentação e a desconfiança entre elas. Se não há troca de informações, as pessoas não podem identificar os problemas que têm em comum e que exigem ações coletivas, não podem romper o círculo de medo e de desconfiança e desenvolver qualquer capital social que exista na comunidade.

A forte exposição à violência mais grave provoca não só mais medo entre aqueles mais expostos, mas também afeta seus comportamentos e sua disposição em investir para garantir maior segurança. As diferenças entre quem está mais exposto e quem está menos exposto não se limita a adoção de equipamentos de segurança mas se estende a mudanças de comportamentos como o medo de andar por ruas ou bairros : enquanto apenas 7,6 % daqueles que estão pouco expostos a violência deixaram de andar por ruas do bairro ou da cidade, entre 52,1 % (na cidade) e 56,1 % (na Zona Sul) o fizeram, ou seja um percentual 7 vezes maior entre os mais expostos à violência. O mesmo se passa com a decisão de mudar o trajeto da casa para a escola ou o trabalho e a vontade de evitar o uso de certas linhas de ônibus. O maior medo também encoraja o maior isolamento dos vizinhos : deixar de conversar com vizinhos, ou proibir filhos de brincarem com crianças da vizinhança também é muito superior entre aqueles mais expostos à violência.

8. Na cidade de São Paulo, surpreende que o percentual de pessoas que estão expostas à violência muito, muito grave é que dizem não sair à noite seja baixo. Possivelmente isto é consequência do fato de que a maior parte deste grupo é composta por jovens que consideram que « não sair à noite » seria uma restrição insuportável.

Tab. VIII. — REAÇÃO A EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA

Há algum lugar na sua vizinhança onde o(a) sr(a) não se sente seguro de andar durante o dia ?

	Cidade	Exposição leve	Muito, muito grave		Zona Sul	Exposição leve	Muito, muito grave	
Não há	69,30	81,70	63,10	*	66,60	78,00	51,70	*
Há	28,70	15,80	34,50	*	32,00	22,00	46,60	*
Não sabe	2,00	2,50	2,40	*	1,50	0,00	1,70	*

Que segurança o(a) sr(a) sente em andar à noite sozinho(a) pelo bairro, se é que sai à noite ?

	Cidade	Exposição leve	Muito, muito grave		Zona Sul	Exposição leve	Muito, muito grave	
Total								
Sem segurança	38,10	22,00	47,60	*	40,90	29,30	53,40	*
Pouco seguro	26,00	17,80	33,30	*	27,90	17,10	20,70	*
Seguro	19,80	34,70	10,70	*	17,60	26,80	12,10	*
Não sai à noite	10,10	13,60	7,10	*	9,70	17,10	12,10	*
Muito seguro	6,00	11,90	1,20	*	3,80	9,80	1,70	*

* *Ibid.*

Fontes : *idem.*

Entre as mudanças de comportamento destaca-se ainda a maior frequência de compra de uma arma justamente por aqueles mais vitimados. Se vários dos comportamentos adotados têm como principal objetivo romperem com a repetição da exposição à violência, a aquisição de uma arma é o tipo de comportamento que pode ter o efeito contrário, como aumentar o risco. Maiores investimentos também são feitos nas moradias daqueles que estão mais expostos à violência : cadeados, grades, cães de guarda, aumento da altura do muro, contratação de vigias, instalação de porteiros eletrônicos ou alarmes são ao menos 3 vezes mais freqüentes entre os entrevistados mais expostos a violência que entre os menos expostos. A adoção destas medidas de segurança têm custos econômicos e custos sociais como mencionado acima.

Exposição à violência e percepção das causas da violência : crenças, valores e atitudes em relação à violência

O tráfico de drogas, o uso de drogas, a maldade e o consumo de álcool, são explicações consensuais para a violência. Os grupos mais expostos à violência apresentam um maior consenso sobre várias outras causas : a falta de princípios religiosos, a resposta a provocação por outros, a perda de esperança no futuro, a pressão econômica, o ciúmes, o preconceito racial, a necessidade de manter uma imagem de « durão ». Estes grupos aparentam ter uma visão mais complexa das raízes da violência. Na Zona Sul, há maior semelhança entre aqueles que têm pouca exposição e os mais expostos, sugerindo que, em havendo maior violência no bairro, certos grupos consigam ser mais bem sucedidos em se proteger do impacto direto desta

violência mas algum efeito não de sentir, ainda que seja uma maior reflexão sobre estes fenômenos.

Tab. IX. — MUDANÇAS DE COMPORTAMENTOS E ADOÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA (2001)

O medo da violência pode levar as pessoas a mudarem algumas coisas no seu dia a dia. Vou citar algumas destas coisas que podem ser mudadas por causa da violência e gostaria de saber se elas acontecem ou já aconteceram com o(a) sr(a) :

	São Paulo		Zona Sul		N : 340	
	Total	Exposição leve	Muito, muito grave	Total	Exposição leve	Muito, muito grave
<i>a) em seus hábitos...</i>						
<i>Porcentagem que responde Sim</i>						
Evitar sair à noite	48,90	29,20	56,60 *	51,80	31,70	64,90 *
Evitar andar com dinheiro	47,80	28,60	51,80 *	43,20	30,00	48,20
Deixar de circular por alguns bairros/ruas da cidade	32,90	7,60	52,40 *	31,20	7,30	56,10 *
Mudar o trajeto da casa para o trabalho, ou de casa para escola	25,60	6,80	48,80 *	23,90	9,80	57,10 *
Evitar conversas com vizinhos	16,20	5,90	33,30 *	17,70	9,80	30,40 *
Proibir os filhos de brincar com outras crianças	14,00	2,50	21,70 *	16,80	5,10	23,60 *
Deixar de usar uma linha de ônibus	12,90	2,50	33,70 *	13,20	7,30	19,60 *
Comprar uma arma	6,20	3,30	13,30 *	5,30	2,50	14,30 *
<i>b) na sua residência...</i>						
<i>Porcentagem que responde Sim</i>						
Colocar cadeado no portão	56,60	27,70	66,70 *	51,80	31,70	57,90 *
Colocar grades nas janelas	34,30	19,30	36,90 *	27,70	19,50	22,80 *
Arrumar um cão de guarda	20,60	5,90	32,10 *	21,10	7,30	29,30
Contratar um vigia de rua/quarteirão	19,00	10,90	22,60 *	9,10	0,00	8,80 *
Subir a altura do muro da residência	17,00	6,80	26,20 *	19,70	9,80	19,30 *
Instalar porteiro eletrônico (interfone)	12,60	5,80	10,70	9,10	2,40	12,30
Instalar sistema de alarme	8,30	3,40	10,70 *	4,40	0,00	3,50 *
Instalar circuito fechado de TV	3,30	0,00	6,00 *	1,20	0,00	3,50
Contratar uma empresa de segurança privada	2,40	0,00	3,06	0,90	0,00	1,80

* *Ibid.*

Fonte s: *idem.*

Tab. X. – CAUSAS DA VIOLÊNCIA (2001)

As pessoas têm diferentes idéias sobre porque as pessoas cometem violências. Eu vou citar uma série de frases e para cada uma delas gostaria que dissesse se o(a) sr(a) concorda ou discorda.

	São Paulo	Exposição leve	Muito, muito grave	Zona Sul	Exposição leve	Muito, muito grave	
<i>Concorda totalmente</i>	Total			Total			
Usam drogas	73,00	67,90	75,90	70,80	75,60	77,20	
Vendem drogas	73,40	66,00	78,30	74,00	75,60	82,10	*
São más	70,20	64,50	75,60	69,60	79,50	71,90	
Bebem e provocam os outros	65,70	59,80	68,70	60,70	68,30	73,70	*
Não têm uma religião	57,60	47,70	62,70	61,40	58,50	65,50	
São provocadas por outros	42,80	40,70	52,40	* 47,00	67,50	58,90	*
Perderam a esperança de melhorar de vida	42,60	38,50	52,40	44,40	48,70	58,90	
Têm preconceito/ódio racial.	39,50	39,40	42,20	41,10	53,70	53,40	*
Sentem ciúmes de seu(sua) companheiro(a)/namorado(a)	39,10	40,20	45,80	39,80	58,50	43,90	
Têm medo de serem machucados	38,30	34,50	42,00	41,10	52,50	44,60	
Não conseguem sustentar a família	36,80	33,90	50,00	* 41,00	58,50	50,00	
No bairro quem não for durão vira vítima	32,50	30,10	50,00	32,10	48,70	39,70	

*Ibid.

Fontes : *idem*.

As explicações para a violência nas escolas seguem o mesmo padrão : quanto mais expostos à violência maior é a complexidade e a diversidade de causas atribuídas à este tipo de violência. As drogas – quer seu uso ou o tráfico, a presença de alunos armados, a existência de gangues de jovens, o consumo de álcool dentro da escola, são os principais ingredientes desta violência. Outras fontes potenciais de violência, intrínsecas ao funcionamento da escola e ao tipo de satisfação ou frustração que esta provoca nos jovens, são menos aprovadas pelos entrevistados : problemas no relacionamento aluno / professor, falta de traquejo dos profissionais na administração dos atos de indisciplina, escassez de professores, excesso de alunos por sala de aula, baixo aproveitamento dos alunos. Quando são percebidos como fonte de violência, o são pelos grupos mais expostos a ela.

Diferenças entre quem está mais ou menos exposto à violência também surgem quando se examina as crenças em relação ao uso de armas. Por que as pessoas usam armas ? No entender daqueles mais expostos a violência, as pessoas o fazem principalmente para impressionar outras, secundariamente para se proteger e por fim para resolver disputas. Ou seja, dentre este grupo, uma parte percebe que portar armas não tem só função simbólica mas também tem uma « utilidade », e seu uso eventual pode ser previsto. Para os grupos menos expostos à violência, portar armas tem mais uma função simbólica : impressionar os outros, se proteger, se sentir importante, ou se sentir forte. Este rol de razões sugere que o porte de arma teria uma função de re-asseguramento psicológico. Apenas 1,7 % acredita que esta arma pudesse ser usada, por exemplo, para resolver uma disputa. Novamente temos uma diferença substancial entre os moradores dos bairros mais violentos e o resto da cidade : nos bairros da Zona Sul a diferença entre os

dois grupos (mais e menos expostos à violência) é menor que na cidade como um todo.

Tab. XI. — VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS (2001)

A violência nas escolas pode ter muitas causas. Eu vou citar uma série de frases e para cada uma delas gostaria que dissesse se o(a) sr(a) concorda ou discorda :

	São Paulo	Exposição leve	Muito, muito grave	Zona Sul	Exposição leve	Muito, muito grave
	<i>Concorda totalmente</i>					
Os alunos usam drogas	71,60	60,20	79,00 *	74,80	78,40	78,60
Há traficantes na porta da escola	70,80	58,60	73,50	76,90	82,90	83,60
Os alunos levam armas para a escola	67,50	57,30	69,90 *	71,60	77,50	73,70
Os alunos formam gangues	65,20	51,40	70,40	65,90	69,20	73,70 *
Os alunos bebem álcool	63,70	50,00	67,10 *	65,70	69,20	63,20
Os alunos têm problemas com os professores	51,40	45,20	53,70	50,30	68,40	52,60
Os professores e diretores não sabem lidar com a indisciplina	46,30	41,90	47,00	49,10	61,50	48,30 *
Há preconceito racial	43,30	37,40	46,30	49,70	62,50	55,20
As classes têm um número muito grande de alunos	44,10	43,50	46,90	49,80	59,00	50,00
Há poucos professores	43,60	37,70	44,60	46,50	61,50	43,90
As famílias não dão importância para a escola	41,70	36,70	38,60	45,80	55,00	42,90
Os alunos vão mal na escola	25,60	33,30	24,40	29,10	48,70	28,10 *

* *Ibid.*

Fontes : *idem.*

Tab. XII. — PERCEPÇÃO DOS MOTIVOS PELOS QUAIS AS PESSOAS USAM ARMAS

As pessoas usam armas por diferentes motivos. Vou lhe apresentar alguns deles e gostaria que o(a) sr(a) dissesse qual (quais), na sua opinião, são importantes :

	Total	Leve	Muito, muito	Zona Sul	Leve	Muito, muito
(4) Se proteger	25,20	23,30	27,40 *	19,60	26,80	15,50
(6) Se sentir forte	7,90	12,70	6,00 *	8,50	9,80	1,70
(1) Impressionar os colegas	34,20	28,30	38,10 *	40,90	26,80	50,90 *
(3) Se sentir importante	14,30	13,30	11,90	12,20	12,20	19,00 *
(5) Imitar os outros	2,20	0,80	2,40	2,30	0,00	1,80
(2) Resolver disputas	5,30	1,70	14,30	8,50	9,80	10,30 *

* *Ibid.*

Fontes : *idem.*

Expostos à uma violência que se tornou crônica (ou epidêmica), seria possível que os moradores da cidade tenham diminuído suas resistências, perdido as barreiras e as inibições ao uso da violência como meio de se corrigir danos, de se fazer justiça ou de se resolver conflitos ? Morando em um contexto onde por vezes aparece haver uma guerra não declarada, teria o uso da violência adquirido um caráter de inevitabilidade e até mesmo de

legitimidade? Os dados da tabela XIII sugerem que isto não ocorreu. A violência só pode ser usada em legítima defesa da família e de si mesmo e ainda assim com muita ambigüidade. A grande maioria rejeita o uso de armas e da violência quer como forma de reparar danos a auto-imagem, quer como forma de se fazer justiça com as próprias mãos.

Tab. XIII. — ATITUDES EM RELAÇÃO À VIOLÊNCIA (2001)

Para cada frase que eu citar, gostaria que me dissesse se o(a) sr(a) concorda ou discorda :

	N : 700	Exposição leve	Muito, muito grave	Zona Sul	Exposição leve	Muito, muito grave
	Total			Total		
<i>1 - Concorda totalmente</i>						
Uma pessoa tem direito de matar para defender sua família	38,10	29,20	50,00	* 36,00	43,20	47,40
Uma pessoa tem o direito de matar outra para se defender	38,40	30,60	47,00	* 33,70	42,50	42,10
<i>4 - Discorda totalmente</i>						
Carregar uma arma faz com que a pessoa esteja mais segura	84,40	87,80	74,40	* 85,90	92,70	75,40
Ter uma arma em casa torna a casa mais segura	78,40	81,90	68,30	85,30	90,20	78,90
Se uma pessoa foi infiel ao seu parceiro, ele ou ela merece apanhar	74,30	74,30	63,90	73,20	68,30	65,50
Uma pessoa tem o direito de agredir outra que esteja mexendo com seu/sua parceiro(a)	70,00	70,40	60,70	* 72,10	70,70	63,20
Se as autoridades falharem, nós temos o direito de tomar a justiça em nossas mãos	63,00	64,50	54,10	61,40	70,00	52,60
Uma pessoa tem direito de matar para defender sua família	35,30	41,60	28,00	* 36,30	37,80	24,60
Uma pessoa tem o direito de matar outra para se defender	34,30	42,30	32,50	* 31,70	37,50	17,50

*Ibid.

Fontes : *idem*.

À revelia de como se formule a pergunta, o uso da violência é rejeitado : quer como uma forma de vingança, auto defesa, quer como instrumento para se aumentar a segurança.

Estas questões sobre o uso da violência foram investigadas de diversos modos e as respostas convergem no sentido de se rejeitar o uso desta violência, entre todos os grupos. Porém cabe ressaltar que o consenso quanto a rejeição do uso de violência é menor dentro dos grupos mais expostos à violência. Isto pode sugerir que os efeitos da maior exposição podem ser observados sobre valores mais amplos, e que é possível que estes efeitos tomem tempo para serem observados ; ou seja, é possível que os efeitos sejam sutis mas consistentes no tempo, o que sugeriria um processo de contaminação e de ruptura de interditos lento e gradual, nem por isto menos danoso. Não podemos de antemão afirmarmos que os valores não mudam à medida em que aumenta a exposição à violência, mas sim que o processo de mudança parece ser lento e discreto, e ter menos visibilidade. Explorar esta hipótese exige que adotemos estudos longitudinais, nos quais os mesmos grupos de pessoas são acompanhados no tempo, como forma de se verificar o que muda, causado pelo quê.

Tab. XIV. – USO DA VIOLÊNCIA

Eu vou citar algumas situações que o(a) sr(a) já pode ter presenciado, e que podem provocar uma reação nas pessoas. Para cada uma delas, gostaria de saber qual destes seria o seu posicionamento.

	N : 700 São Paulo	Exposição leve	Muito, muito grave	Zona Sul	Exposição leve	Muito, muito grave
	Total			Total		
<i>1- Aprovaria</i>						
Suponha que um conhecido seu mate por vingança quem violentou a filha dele	23,70	18,90	27,80	21,00	20,50	28,60
Uma pessoa amedronta seu bairro e alguém a mata	19,50	9,30	28,90	* 20,60	17,90	25,00
Um grupo de pessoas, no seu bairro, começa a matar gente « indesejada »	9,90	4,80	17,10	* 7,90	0,00	14,00 *
<i>3- Não aprovaria, nem entenderia</i>						
Um grupo de pessoas, no seu bairro, começa a matar gente « indesejada »	67,90	76,90	57,30	* 65,80	75,60	59,60 *
Uma pessoa amedronta seu bairro e alguém a mata	43,70	56,10	38,60	* 42,90	48,70	37,50
Suponha que um conhecido seu mate por vingança quem violentou a filha dele	29,00	34,20	22,80	30,10	33,30	17,90

* *Ibid.*

Fontes : *idem.*

A exposição à violência e os direitos humanos : a punição que se espera

Para examinarmos o impacto da exposição à violência sobre um dos aspectos do tema dos direitos humanos, o da punição dentro da lei, tratamos de identificar inicialmente quais os delitos considerados mais graves, e quais sempre deveriam ser punidos. Os crimes violentos contra a pessoa são os crimes que se enquadram na categoria seguinte : o estupro, o assassinato, o seqüestro, e o latrocínio. Estes delitos deveriam ter maior prioridade de punição quando as vítimas são crianças.

Em relação a estes delitos, procuramos identificar qual liberdade seria outorgada à polícia no trato com os suspeitos de terem praticado tais ofensas. É contra os suspeitos de terem praticado estupros que se outorga mais liberdade à polícia para obter informações, e é entre os grupos mais expostos à violência que se dá mais liberdade de ação para a polícia, grupos estes que são também os mais insatisfeitos e os mais descrentes em relação à atuação da polícia. Bater no suspeito, espancar, dar choques, deixar sem água e sem comida, ameaçar a família do suspeito são comportamentos que são muito menos rejeitados por aqueles mais expostos à violência que por aqueles menos expostos - ao menos 39,6 % dos mais expostos à violência na cidade e 36,1 % do mesmo grupo nos bairros da Zona Sul aceitam algum tipo de violência contra um suspeito de estupro. Estes comportamentos se caracterizam como delito de tortura. Traficantes de droga formam outro grupo perigoso e considerado como « torturável », visto que a eles se atribui a violência dentro da sociedade, quer pela própria natureza do tráfico (envolvendo valores altos, dinheiro em mão e portanto exigindo a presença de armas), quer pelo fato de que colocando drogas ao alcance da população também alimentam a violência pelos efeitos de seu consumo. Por fim os seqüestradores formam outro grupo de pessoas « torturáveis ».

Tab. XV. – PUNIÇÃO

Quais os crimes que o(a) sr(a) considera mais graves, ou seja, aqueles que sempre deveriam ter punição ?

	São Paulo	Exposição leve	Muito, muito grave	Zona Sul	Exposição leve	Muito, muito grave	
	Total			Total			
Estupro	51,80	51,80	57,80	54,40	31,60	57,90	*
Assassinato	26,90	23,60	25,30	26,40	42,10	28,10	*
Seqüestro	7,20	4,50	7,20	4,80	10,50	1,80	*
Latrocínio	2,90	3,60	2,40	2,40	0,00	5,30	*
Roubo	1,30	0,00	0,00	3,00	2,60	0,00	*
Tráfico de drogas	0,90	0,00	0,00	0,90	0,00	3,50	*
Estupro de criança	2,60	5,50	2,40	3,60	2,60	3,50	*
Agressão contra criança	0,60	0,90	0,00	0,30	0,00	0,00	*

* *Ibid.*

Fontes : *idem.*

Tab. XVI. – DELEGAÇÃO DE LIBERDADE DE AÇÃO À POLÍCIA

As pessoas têm diferentes idéias sobre o que a polícia pode ou não fazer para obter informações. Vou citar uma lista de situações e gostaria que o(a) sr(a) me dissesse como deveria ser a ação da polícia para cada uma delas :

A polícia pode :

	São Paulo	Exposição leve	Muito, muito grave	Zona Sul	Exposição leve	Muito, muito grave	
	Total			Total			
<i>Alguém suspeito de ser esturador</i>							
Interrogar sem violência	54,00	68,20	43,40	* 58,60	61,50	43,10	
Ameaçar	10,90	8,20	13,30	* 10,90	5,10	15,50	
Nenhuma dessas alternativas	9,30	10,00	3,60	* 3,60	2,60	5,20	
Espancar	8,40	6,40	12,00	* 8,90	15,40	10,30	
Bater	7,00	3,60	12,00	* 8,90	12,80	13,80	
Dar choques	6,30	2,70	12,00	* 5,90	0,00	8,60	
Deixar sem água ou comida	3,00	0,90	2,40	* 2,70	2,60	1,70	
Ameaçar a família	0,70	0,00	1,20	* 0,60	0,00	1,70	
<i>Alguém suspeito de participar de uma gangue de seqüestradores</i>							
Interrogar sem violênci a	63,30	73,60	60,50	71,90	80,00	64,90	
Ameaçar	14,50	7,30	19,80	9,90	7,50	12,30	
Nenhuma dessas alternativas	7,90	10,90	3,70	3,60	2,50	3,50	
Espancar	4,00	2,70	3,70	3,30	5,00	1,80	
Bater	3,90	3,60	3,70	5,10	5,00	8,80	
Deixar sem água ou comida	2,70	0,00	3,70	3,60	0,00	3,50	
Ameaçar a família	1,80	1,80	3,70	1,20	0,00	3,50	
Dar choques	1,80	0,00	1,20	1,50	0,00	1,80	
<i>Alguém pego vendendo drogas</i>							
Interrogar sem violência	58,30	72,50	56,60	* 66,60	81,60	53,60	
Nenhuma dessas alternativas	11,80	14,70	2,40	* 5,40	2,60	7,10	
Ameaçar	10,80	6,40	7,20	* 10,20	5,30	8,90	
Bater	7,10	3,70	15,70	* 6,60	7,90	10,70	
Espancar	5,00	0,90	7,20	* 4,80	2,60	8,90	
Deixar sem água ou comida	2,90	0,90	6,00	* 2,10	0,00	1,80	
Dar choques	2,70	0,00	2,40	* 2,40	0,00	1,80	
Ameaçar a família	1,40	0,90	2,40	* 1,80	0,00	7,10	

* *Ibid.*

Fontes : *idem.*

É interessante notar que quando perguntados sobre o uso da tortura (tabelas XVII e XVIII), sobre o uso de provas obtidas sob tortura por tribunal ou sobre a legitimidade de um governo usar da coerção para obter confissão,

ou para se obter informações ou ainda para se esclarecer delitos, conter rebeliões em presídios etc., todos os grupos rejeitam o uso da tortura. Como alguns destes aceitam comportamentos que se caracterizam como prática de tortura, pode-se sugerir que talvez rejeitem a palavra tortura mas não necessariamente todas as ações que se enquadram como tal. A rejeição é menor entre os grupos mais expostos à violência e isto reitera que podem ocorrer mudanças muito sutis entre aqueles que foram vitimados.

Tab. XVII. — TORTURA

	N : 700 São Paulo	Exposição leve	Muito, muito grave	Zona Sul	Exposição leve	Muito, muito grave
	Total			Total		
<i>Os tribunais podem aceitar provas obtidas através de tortura</i>						
Discorda totalmente	64,2	70,9	57,8	65,2	76,3	46,6 *
<i>O(a) sr(a) acha que é aceitável ou é inaceitável que um governo use coerção para fazer pessoas confessarem</i>						
É inaceitável	91,7	99,1	90,2 *	90,8	95,1	83,9 *

* *Ibid.*Fontes : *idem.*

Tab. XVIII. — USO DA TORTURA

As pessoas têm diferentes idéias sobre o uso da tortura. O(a) sr(a) pessoalmente concorda ou discorda que o uso da tortura ?

	Total	Exposição leve	Muito, muito grave		Total	Exposição leve	Muito, muito grave
<i>Discorda totalmente</i>							
Deve ser permitido para obter informação	75,70	81,60	64,30 *		75,30	81,60	65,50
Deve ser permitido para casos de suspeitos de cometerem delitos	75,30	80,90	67,90		76,60	77,50	67,20 *
Deve ser permitido para reprimir a criminalidade	70,40	80,70	63,40 *		74,70	80,00	70,20
Deve ser permitido para reprimir rebeliões	63,90	79,10	53,60 *		66,60	75,00	55,20

* *Ibid.*Fontes : *idem.*

O mesmo tipo de rejeição do uso da violência aparece quando se formula a questão do uso da violência apenas na polícia, sem se qualificar que tipo de delito que o suspeito teria cometido. A polícia não poderia bater para obter informações ou para retaliar por uma ofensa pessoal, mas quando se identifica quem seria o outro que poderia receber a agressão de um policial, como um « preso que tenha tentado fugir », começa a cair a rejeição. Isto sugere que a rejeição à tortura não pode ser interpretada como absoluta e universal. A rejeição da tortura parece depender da natureza do suspeito e do tipo de delito que se suspeita que tenha cometido. A mesma pseudo-ambivalência se observa em relação à pena de morte. Concordam com o uso da pena de morte entre 40,1 % (na cidade) e 23,1 % (Zona Sul) dos entrevistados, porém quando se investiga qual a pena que seria apropriada para diferentes tipos de delitos verifica-se que efetivamente a aceitação da pena de morte é maior.

Tab. XIX. – USO DA FORÇA PELA POLÍCIA

	N : 700 São Paulo	Exposição leve	Muito, muito grave	Zona Sul	Exposição leve	Muito, muito grave
	Total			Total		
				<i>Discorda totalmente</i>		
A polícia pode bater em um suspeito para obter informações	80,60	84,70	80,70 *	84,90	85,40	84,20
Um policial pode bater em uma pessoa que o tenha xingado	78,10	79,60	75,00	75,50	85,00	65,50
Um policial pode bater em um preso que tenha tentado fugir	54,20	68,50	42,20 *	55,90	60,50	48,30
A polícia tem direito de revistar pessoas que considera suspeitas em função da aparência	43,00	39,30	45,10	43,60	47,50	53,40
Nenhum crime justifica usar a pena de morte	40,10	36,70	44,60	32,20	23,10	41,40

* *Ibid.*Fontes : *idem.*

Como já observado anteriormente, a maior exposição à violência efetivamente parece afetar as expectativas de punição que as pessoas têm. Há mais apoio à pena de morte entre aqueles mais expostos à violência mais grave, do que entre aqueles menos expostos. O apoio para a pena de morte entre os grupos mais expostos à violência varia de 45,8 % no caso de um indivíduo responsável por estupro até 9,2 % no caso de jovens que matam. Políticos corruptos são percebidos como mercedores de penas muito mais duras do que jovens que matam. Esta expectativa de maior punição para políticos é maior ainda entre o grupo mais exposto à violência.

Há mais expectativa de penas mais duras entre moradores das áreas centrais da cidade do que entre os moradores da Zona Sul, submetidos a uma violência muito mais grave e crônica. Por paradoxal que possa parecer estes moradores são os que, com maior frequência, sugerem aplicação de penas alternativas.

Tab. XX. – EXPECTATIVAS DE PUNIÇÃO

Para cada tipo de infrator que eu citar gostaria que o(a) sr(a) me dissesse qual destes tratamentos, na sua opinião, deveria ser dispensado a cada um deles :

	Total	Exposição leve	Muito, muito	Zona Sul	Exposição leve	Muito, muito
				<i>Estuprador</i>		
4 - Pena de morte	35,50	25,20	45,80 *	32,60	26,80	43,10
3 - Prisão perpétua	32,00	39,10	25,30 *	35,20	31,70	32,80
5 - Prisão com trabalho forçado	21,90	24,30	13,30 *	16,10	19,50	13,80
1 - Prisão	8,70	10,40	14,50 *	12,60	17,10	5,20
2 - Prestação de serviços à comunidade	1,60	0,00	1,20 *	2,90	4,90	3,40
6 - Nenhum destes	0,30	0,90	0,00 *	0,60	0,00	1,70
				<i>Seqüestradores</i>		
5 - Prisão com trabalho forçado	36,20	39,10	29,80	30,20	26,80	24,10
3 - Prisão perpétua	26,20	30,90	25,00	29,00	31,70	27,60
4 - Pena de morte	14,30	11,80	14,30	9,70	7,30	12,10
1 - Prisão	13,60	11,80	16,70	19,10	24,40	20,70
2 - Prestação de serviços à comunidade	9,60	6,40	14,30	12,00	9,80	15,50
6 - Nenhum destes	0,10	0,00	0,00			
				<i>Traficantes de drogas</i>		
5 - Prisão com trabalho forçado	31,60	33,00	21,00	22,60	27,50	17,20
3 - Prisão perpétua	30,50	40,20	23,50	30,10	25,00	34,50
						.../..

.../..							
1 - Prisão	17,50	17,00	29,60	26,80	35,00	29,30	
4 - Pena de morte	15,20	6,30	22,20	13,10	7,50	12,10	
2 - Prestação de serviços à comunidade	4,70	1,80	3,70	7,10	5,00	5,20	
6 - Nenhum destes	0,60	1,80	0,00	0,30	0,00	1,70	
			<i>Marido que mata a mulher</i>				
5 - Prisão com trabalho forçado	28,20	25,90	17,10	19,50	25,00	10,50	*
3 - Prisão perpétua	27,30	30,60	34,10	30,80	25,00	42,10	*
1 - Prisão	24,20	26,90	22,00	31,70	27,50	26,30	*
4 - Pena de morte	14,80	13,90	18,30	11,70	15,00	14,00	*
2 - Prestação de serviços à comunidade	4,80	1,90	8,50	5,40	5,00	5,30	*
6 - Nenhum destes	0,60	0,90	0,00	0,90	2,50	1,80	*
			<i>Jovens que matam</i>				
5 - Prisão com trabalho forçado	32,20	33,30	20,50	21,60	26,80	15,80	
1 - Prisão	25,70	28,80	33,70	38,60	31,70	40,40	
3 - Prisão perpétua	22,00	25,20	25,30	20,70	24,40	21,10	
4 - Pena de morte	11,40	8,10	9,60	8,10	9,80	10,50	
2 - Prestação de serviços à comunidade	8,50	4,50	10,80	10,80	7,30	12,30	
6 - Nenhum destes	0,30	0,00	0,00	0,30	0,00	0,00	
			<i>Político corrupto</i>				
5 - Prisão com trabalho forçado	32,50	36,00	22,00	24,50	23,10	20,70	
3 - Prisão perpétua	26,30	32,50	24,40	27,20	33,30	27,60	
1 - Prisão	18,00	21,10	20,70	25,40	28,20	24,10	
4 - Pena de morte	14,20	7,90	22,00	9,90	5,10	13,80	
2 - Prestação de serviços à comunidade	8,30	1,80	9,80	11,90	10,30	12,10	
6 - Nenhum destes	0,70	0,90	1,20	1,20	0,00	1,70	

* *Ibid.*Fontes : *idem.*

* * *

Qual é o impacto da exposição continuada à uma violência que parece que nunca termina? Pode-se considerar esta experiência um tipo de socialização negativa, onde paulatinamente vai se perdendo os interditos morais contra o uso da violência como forma de se reparar danos, de se « fazer justiça », de se proteger, de se prevenir contra ameaças reais ou imaginadas? Tratamos de explorar neste texto alguns dos dados coletados na cidade de São Paulo que representam uma primeira abordagem do tema. Neste exercício observamos uma série de indícios de que a experiência de ser vítima direta e indireta de violência grave não é um fato neutro, sem outras consequências além do trauma físico ou psicológico imediato. Há fortes indícios de que a exposição à violência pode mudar as pessoas, seus comportamentos, suas crenças, seus valores, sua maneira de perceber a vida e talvez até si mesmas. Há indícios de que esta experiência não encoraja uma maior abertura para a vida em comunidade mas que ao contrário encoraja as pessoas a buscarem meios individuais de proteção e neste processo a se retirarem do espaço público construindo mais e maiores barreiras, isolando-se ainda mais em um processo que pode ter o efeito oposto: ao invés de obterem mais proteção ganham maior vulnerabilidade.

Maior a exposição à violência, menor a crença nas forças encarregadas de aplicar as leis e maior o risco de cinismo em relação às leis, e paradoxalmente maior a aceitação do arbítrio e da violência, contanto que aplicados contra suspeitos da prática de delitos percebidos como muito

graves e sérios e como devendo sempre ser punidos. Maior também é a aceitação de penas mais duras ou percebidas como definitivas, como a pena de morte ou a prisão perpétua. O sofrimento que resulta da maior vitimização não parece estar resultando em maior tolerância com relação ao outro, em uma maior defesa do estrito respeito às leis. É possível que a maior intolerância e a punitividade identificadas resultem da falta de proteção que as vítimas sentem, da maior vulnerabilidade que percebem. Vulnerabilidade esta possivelmente alimentada pelas má imagens que têm das forças policiais ; aquelas que em tese deveriam garantir sua segurança pessoal.

A área de estudos dos efeitos da exposição à violência ainda é muito nova. Os estudos sistemáticos datam dos últimos quinze anos se tanto, e a prioridade nestes estudos tem sido a de estudar os efeitos da exposição à violência sobre as crianças e adolescentes e não sobre os jovens e jovens adultos. O estudo relatado neste artigo demonstra que há muito a fazer neste campo, particularmente quando se considera que há uma escassez de elementos de proteção que possam contrabalançar os efeitos desta exposição. Os poucos estudos com jovens demonstram que após os 15 anos de idade a família deixa de ser esta fonte de proteção, o local onde os jovens poderiam recuperar-se desta exposição e do qual poderiam retirar a energia para seguir em frente tendo recuperado suas esperanças de um futuro diferente. Esta « perda da família » como fonte de proteção significa que os jovens adultos estão ainda mais vulneráveis aos efeitos negativos da exposição. Quais fontes alternativas à família surgem? Em geral são os grupos de amigos, de colegas de escola, de trabalho, de lazer. Este grupo, quando a violência na comunidade é crônica está exposto aos mesmos riscos, e isto é o que os estudos mostram : jovens fortemente expostos à violência, com mais freqüência, também têm mais amigos e colegas tanto vítimas como vitimadores. Os dados que coletamos nesta pesquisa, e que não foram apresentados aqui, vão na mesma direção dos dados internacionais. Se não podemos estancar a violência como proteger estes jovens ? Este é um desafio para nossa sociedade.

Setembro de 2003

Nancy CARDIA

Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP),

Universidade de São Paulo.

<ncardia@pop.usp.br>

Sites na internet :

Secretaria de Segurança pública do Estado de São Paulo :
<<http://www.ssp.sp.gov.br>>.

Fundação Seade – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados do Estado de São Paulo : <<http://www.seade.gov.br>>.

Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo : NEV-USP : <<http://www.nev.prp.usp.br>>.

BIBLIOGRAFIA

- BERMAN, S. *et al.*, 1996 « The impact of Exposure to Crime and Violence on Urban Youth », *American Journal of Orthopsychiatry*, XL (3) : 329-336.
- BUKA, S.L. *et al.* 2001, « Youth Exposure to Violence: Prevalence, Risks and Consequences », *American Journal of Orthopsychiatry*, LXXI (3), julho : 298-310.
- CHANG, J.J. *et al.* 2003, « The role of repeated victimization in adolescent delinquent behaviors and recidivism », *Journal of Adolescent Health*, 32 : 272-280.
- DEMPSEY, M. 2002 « Negative Coping as a Mediator in the Relation between Violence and Outcomes: Inner City African – American Youth », *American Journal of Orthopsychiatry*, LXXII (1) : 102-109.
- HALLYDAY-BOYKINS, C.A & GRAHAM, S. 2001, « At Both Ends of the Gun : Testing the Relationship between Community Violence Exposure and Youth Violent Behavior », *Journal of Abnormal Child Psychology*, XXIX (3) : 383-402.
- HOPE, T. *et al.* 2001 « The Phenomena of Multiple Victimization : the Relationship between Personal and Property Crime Risk », *British Journal of Criminology*, 41 : 595-617.
- KLIEWER, W. *et al.*, 2001 « Exposure to Violence against a Family Member and Internalizing Symptoms in Colombian Adolescents : the Protective Effects of Family Support », *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, LXIX (6) : 971-982.
- NG-MAK, D.S. 2001, « The Normalization of Violence among Inner City Youth », *Dissertation Abstracts*, LXI (12-B) : 6424.
- NG-MAK, D.S. *et al.* 2002, « Normalization of Violence among Inner City Youth ; a Formulation for Research », *American Journal of Orthopsychiatry*, LXXII (1) : 92-101.
- ORPINAS, P.K. *et al.*, 1995, « The co-morbidity of Violence Related Behaviors with Health Risk Behaviors in a Population of High School Students », *Journal of Adolescent Health*, XVI (3) : 216-225.
- OSOFSKY, J.D., 1995, « The Effects of Exposure to Violence on Young Children », *American Psychologist*, L (9), setembro : 782-788.
- SALZINGER, S. *et al.* 2002, « An Ecological Framework for Understanding Risk for Exposure to Community Violence and the Effects of Exposure on Children and Adolescents », *Aggression and Violent Behavior*, 7 : 423-451.
- SELNER-O'HAGAN, M.B. *et al.* 1998, « Assessing Exposure to Violence in Urban Youth », *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, XXXIX (2) : 215-224.
- SHAKOOR, B.H. & CHALMERS, D. 1991, « Co-Victimization of African-American Children who Witness Violence: Effects on Cognitive, Emotional and Behavioral Development », *Journal of the National Medical Association*, 83 : 233-238.
- SCHUBINER, H. *et al.* 1993, « Exposure to violence among inner city youth », *Journal of Adolescent Health*, 13 : 214-219.
- WARNER, B.S. & WEIST, M.D. 1996 « Urban Youth as Witnesses to Violence : Beginning Assessment and Treatment Efforts », *Journal of Youth and Adolescence*, XXV (3) : 361-377.